



A desconstrução do tópico da origem e a questão das diferenças étnicas em *O continente*, de Erico Verissimo

The deconstruction of the topic of origin and the question of ethnic differences in O continente, by Erico Verissimo

Seção Livre

Donizeth Aparecido Campolin dos Santos*

ORCID: 0000-0002-5434-2124

E-mail: donizeth.ap.santos@gmail.com

Recebido: 17/09/2022

Aprovado: 06/03/2023

Resumo:

O continente, de Erico Verissimo, é a primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, uma vasta e ambiciosa obra por meio da qual o autor procura representar literariamente a formação sócio-histórica do estado do Rio Grande do Sul, num período que se estende de 1745 a 1945, por meio da história da família Terra-Cambará atrelada à história de desenvolvimento do estado e do país. Segundo Lucia Helena (2005), nessa obra monumental, Erico Verissimo resolveu um dos problemas do projeto do romance brasileiro fundacional do século XIX, ao utilizar o tópico da origem do nacional vinculado à cor local, juntamente com a rasura desse mesmo tópico, através de uma habilidosa articulação entre mito e história realizada pela ficção. Dessa forma, o autor não idealiza e nem propõe uma síntese harmoniosa dos contrários e desconstrói o tópico da origem. Além disso, em *O continente*, Erico Verissimo também realizou um desmascaramento das relações preconceituosas existentes na sociedade gaúcha a partir das diferenças entre etnias e classes sociais, revelando a engrenagem social e seus mecanismos, de modo a mostrar as tensões sociais que envolviam brancos, índios, negros e imigrantes europeus.

Palavras-chave:

Literatura brasileira; Erico Verissimo; romance histórico; origem; etnia.

Abstract:

O continente, by Erico Verissimo, is the first part of the *O tempo e o vento* trilogy, a vast and ambitious work through which the author seeks to literarily represent the socio-historical formation of the state of Rio Grande do Sul, in a period that extends from 1745 to 1945, through the history of the Terra-Cambará family linked to the development of the state and the country. According to Lucia Helena (2005), in this monumental work, Erico Verissimo solves one of the problems with the project of the foundational Brazilian novel of the 19th century, by utilizing the topic of national origin linked to local color, in conjunction with the erasure of that same topic, through a skillful articulation between myth and history realized through fiction. Thus, the author does not idealize or propose a harmonious synthesis of opposites and deconstructs the topic of origin. Additionally, in *O continente*, Erico Verissimo also unmasked the prejudiced relationships existent in Brazilian Gaúcho (Rio Grande

* Graduado em Letras pela FAFIJAN, Mestre em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Professor colaborador da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

do Sul's) culture based on the differences between ethnic groups and social classes, revealing society's inner workings and its mechanisms, in order to show the social tensions that involved whites, indians, blacks and European immigrants.

Keywords:

Brazilian literature; Erico Verissimo; historical novel; origin; ethnicity.

1 O Continente e a trilogia *O tempo e o vento*

O continente (1995b), romance publicado em 1949 por Erico Verissimo, é a primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, complementada posteriormente pelos romances *O retrato* (1995c) e *O arquipélago* (1995a), publicados respectivamente em 1951 e 1962. A trilogia é uma vasta e ambiciosa obra que procura representar literariamente a formação sócio-histórica da região de origem do autor, o Rio Grande do Sul, num período que se estende de 1745 a 1945, partindo da história de uma família, que por sua vez se liga à história do desenvolvimento de uma cidade, do estado e da própria nação. É o ponto máximo da literatura de Erico Verissimo, é a culminação do seu projeto literário de realizar um corte transversal de uma sociedade.

O continente, objeto de análise deste texto, é o romance que aborda um período de tempo mais vasto na trilogia, de 1745 até 1895, um período de 150 anos da história do Rio Grande do Sul em que ocorrem grandes acontecimentos históricos que são internalizados no texto literário.

No romance, a saga da família Terra-Cambará, cujo destino está ligado ao do estado do Rio Grande do Sul e do Brasil, inicia-se com o nascimento de Pedro Missioneiro, filho de uma índia que é estuprada por um bandeirante paulista e morre no parto. O menino é criado na missão jesuítica dos Sete Povos das Missões, e quando se torna adulto encontra Ana Terra, filha de colonos pobres de origem portuguesa que vieram do interior de São Paulo para o Rio Grande do Sul, com quem gerará Pedro Terra. A família Terra vai se unir, no terceiro capítulo do livro, à família Cambará, através do casamento entre Bibiana Terra, filha de Pedro Terra, com Rodrigo Cambará, filho do aventureiro Chico Rodrigues que, a partir da união com a açoriana Maria Rita, passou-se a chamar Chico Cambará. Está formado então o clã Terra-Cambará, representado alegoricamente na árvore cambará que cria raízes na terra.

A partir daí, mesmo sofrendo alguns reveses, a família Terra-Cambará inicia um lento processo de prosperidade que vai culminar na condição de família latifundiária. O fim de *O continente* apresentará Licurgo Terra Cambará como intendente de Santa Fé, dono da grande estância de terras do Angico e do imponente sobrado, símbolo do prestígio social e poder político local.

2 A desconstrução do tópico da origem

Segundo Lucia Helena (2005), em *O continente* (1995b), primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, Erico Verissimo resolve um dos problemas do projeto do romance fundacional brasileiro do século XIX, ao utilizar o tópico da origem do nacional vinculado à cor local, juntamente com a rasura desse mesmo tópico, através de uma habilidosa articulação entre mito e história realizada pela ficção. Essa estratégia de utilizar os dois procedimentos que estavam em oposição na ficção do século XIX, de forma de um complementar o outro, evita que a obra descambe ora para um regionalismo periférico ora para um nacionalismo panfletário. Dessa forma, segundo a

professora, “o narrador de *O tempo e o vento* revisita o mito para desmistificá-lo, ainda que cuidando para não haver a perda da força telúrica de que se nutrem suas personagens” (HELENA, 2005, p. 176-177).

Nesse sentido, Erico Verissimo escolhe como ponto de partida para a origem da família Terra-Cambará, que será extensiva, num processo de ampliação metonímica, à formação da sociedade gaúcha e brasileira, o nascimento de Pedro Missioneiro, fruto de um estupro realizado por um bandeirante paulista numa jovem índia que acaba morrendo no parto, e para a origem da formação do estado do Rio Grande do Sul o ponto escolhido é a Guerra Missioneira, fruto do Tratado de Madri, assinado em 1850, através do qual Portugal cedia à Espanha a Colônia de Sacramento (atual Uruguai) e em troca recebia Os Sete Povos das Missões. Desse modo, o título do capítulo que abarca esses dois eventos, “A fonte”, é uma metáfora tanto da origem dos Terra-Cambará quanto do estado do Rio Grande do Sul.

Esses dois eventos, o nascimento de Pedro Missioneiro e a Guerra Missioneira, a partir da qual o Continente de São Pedro, antigo nome do Rio Grande do Sul, foi incorporado ao território português, funcionam na estrutura do romance como um “momento axial”, termo utilizado por Paul Ricoeur para designar:

Um acontecimento fundador, que supostamente inaugura uma nova era (o nascimento de Cristo ou do Buda, a Hégira, ascensão de um determinado soberano, etc.), determina o momento axial em relação ao qual todos os outros eventos são datados. Esse momento axial é o marco zero para a contagem do tempo cronológico. (RICOUER, 2010, p. 181).

Fredric Jameson (2007, p. 189) considera que “a forma narrativa desse evento primordial ou axial deve estar presente, ou ser recriada, no romance histórico para que ele se torne histórico no sentido genérico”. Nesse sentido, os dois eventos anteriormente mencionados são o marco zero da história da formação do Rio Grande do Sul e da constituição da família Terra-Cambará.

Embora esses dois eventos já possam ser considerados no plano histórico passíveis de serem contados em calendário, eles se desenvolvem numa atmosfera mítica, onde “dominam as noções arcaicas do tempo e do espaço” (CHAVES, 2001, p. 91), tal qual ainda ocorre no capítulo seguinte, “Ana Terra”, no qual haverá o encontro de Ana Terra e Pedro Missioneiro e a concepção de Pedro Terra. Nesse sentido, Regina Zilberman (2004) observa que apesar do compromisso original de Erico Verissimo com a história, ele introduz o mito na narrativa para recuperar a cosmovisão mítica que as pessoas provavelmente tinham vivendo num contexto primitivo e bárbaro como era o Rio Grande do Sul do século XVIII.

Sob esse aspecto, insere-se na narrativa uma visão mágica do mundo, onde Pedro Missioneiro, além de conversar com Nossa Senhora e de se considerar filho dela, tem visões premonitórias da morte do líder indígena Sepé Tiaraju e da própria morte, o que lhe dá, no plano mitológico, uma origem divina, “constituindo-se o exemplo mais flagrante de um modo de ver o real que sacraliza o espaço e anula a transformação do tempo”, enquanto que o mundo onde Ana vive apresenta um tempo marcado pela ausência de cronologia e pela repetição “apontando para uma primitividade que é da criação do mundo” (ZILBERMAN, 2004), conforme indica o trecho abaixo em que Ana Terra tenta se lembrar do dia em que conheceu Pedro:

Mas em que dia da semana tinha aquilo acontecido? Em que mês? Em que ano? Bom, devia ter sido em 1777; ela se lembrava bem porque esse fora o ano da expulsão dos castelhanos do território do Continente. Mas na estância onde Ana vivia com os pais e dois irmãos, ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio. Eles guardavam de memória

os dias da semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; era o cheiro, o aspecto das árvores e a temperatura que lhe diziam as estações do ano. Ana Terra era capaz de jurar que aquilo acontecera na primavera, porque o vento andava bem doido, empurrando grandes nuvens no céu, os pessegueiros estavam floridos e as árvores que o inverno despira, se enchiam outra vez de brotos verdes. (VERISSIMO, 1995b, p.73).

Ao inserir a cosmovisão mítica para representar literariamente o possível modo de vida e de pensar das pessoas que viveram naquele tempo remoto, Erico Verissimo está “reconstruindo um modo de vida passado e apresentando-o como passado”, conforme o pensamento de Amado Alonso (1987, p. 80) sobre o que deve ser a proposta fundamental do romance histórico.

Mas ao mesmo tempo em que o escritor utiliza o mito, ele também, simultaneamente, insere no tecido narrativo um processo de desmistificação. Vejamos o caso de Pedro Missioneiro, o herói-fundador do clã Terra-Cambará, que se autodenominou filho de Nossa Senhora e por esse prisma teria uma origem divina tal qual Jesus Cristo, conforme acertadamente observou Regina Zilberman (2004), apresentando-se com “as mesmas virtudes mágicas de um deus fundador de uma realidade primeira”. Por mais que o escritor tenha lhe concedido qualidades mágicas e a condição de iniciador de uma estirpe, isso não elimina o fato de Pedro Missioneiro ser fruto de um ato violento, conforme pode-se depreender do trecho abaixo, quando o padre Alonzo, depois de ver a mãe moribunda se esvaindo em sangue, vê a criança recém-nascida:

Aproximaram-se dum berço tosco onde, no meio de panos de algodão, o recém-nascido dormia. Tinha a pele muito mais clara que a da mãe. Alonzo ergueu os olhos para o cura que sacudiu lentamente a cabeça, adivinhando os pensamentos do companheiro e dando a entender que participava também de suas suspeitas. Aqueles malditos vicentistas! - pensou Alonzo. Não se contentavam com prear índios e levá-los como escravos para sua capitania: tomavam-lhes também as mulheres, serviam-se vilmente delas e depois abandonavam-nas no meio do caminho, muitas vezes quando elas já se achavam grávidas de muitos meses. Aquele não era o primeiro e certamente não seria o último. (VERISSIMO, 1995b, p. 37).

Ao contrário da índia Iracema, do romance homônimo de José de Alencar, que se entrega por consentimento ao português Martim, a mãe de Pedro Missioneiro é vítima da violência sexual cometida por um bandeirante da Capitania de São Vicente, e seu caso seria mais um entre milhares que houve no período de expansão portuguesa na América, e aí então vemos de forma alegórica toda a violência do empreendimento colonial português. Dessa forma, segundo Lucia Helena:

Ao contrário de Alencar e dos românticos, que buscavam a síntese harmoniosa dos contrários e, assim, ocultavam a violência do processo, dito civilizatório, da colonização, Erico Verissimo busca todo o tempo afastar-se quer do panfleto, quer da superficialidade, quer da idealização, conseguindo propor que inexistente um símbolo, ou uma única característica a que se pudesse atribuir feição de essência do gauchismo. (HELENA, 2005, p. 177).

Assim Erico Verissimo não idealiza e nem propõe uma síntese harmoniosa dos contrários. Sem abandonar as convenções literárias, o seu objetivo é uma representação o mais realista possível do empreendimento colonial e por isso ele não oculta e nem disfarça a violência do processo. Aqui é pertinente lembrar uma observação feita por Walnice Nogueira Galvão (1979, p. 385) a respeito da interpretação de Octávio Paz sobre o estupro das mulheres nativas pelo colonizador europeu. Paz via nesse ato uma metonímia da “violação de uma civilização por outra, dando origem a uma população onde todos têm uma relação ambígua com pai e mãe fundadores, onde todos carregam o mal-estar de serem ‘filhos da Malinche’”.

Se através da voz do padre Alonzo é condenada a violência cometida pelos portugueses no processo de expansão colonial, por outro lado, pela voz do narrador é feita a condenação dos bandeirantes castelhanos que vagavam pelo Continente de São Pedro, saqueando e queimando casas, roubando gado, matando pessoas e violando as mulheres que encontravam pela frente, conforme podemos observar no episódio em que eles atacam a estância de Maneco Terra, matando ele, o filho e os escravos e estuprando Ana Terra:

Um suor gelado escorria-lhe pela testa, entrava-lhe nos olhos, fazendo-os arder e aumentando-lhe a confusão do que via: o pai e o irmão ensanguentados, caídos no chão, e aqueles bandidos que gritavam, entravam no rancho, quebravam móveis, arrastavam a arca, remexiam nas roupas, derrubavam a pontapés e golpes de facão as paredes que ainda estavam de pé.

[...]

Ana sentiu que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua. Um homem caiu sobre ela. Num relâmpago Ana pensou em Pedro, um rechinar de cigarra atravessou-lhe a mente e entrou-lhe, agudo, e sólido, pelas entranhas. Ela soltou um grito, fez um esforço para se erguer mas não conseguiu. O homem resfolgava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que lhe cuspiam nas faces, procurando ao mesmo tempo mordê-lo. (Por que Deus não me mata?) Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Por fim perdeu os sentidos. (VERISSIMO, 1995b, p. 122).

O mesmo ambiente telúrico e recoberto por uma atmosfera mítica, conforme já observamos, também está sujeito a essa violência brutal, o que também se configura num procedimento de desmistificação. Da mesma forma, a redução dos Sete Povos configurada no romance como “espaço sagrado e local paradisíaco” (ZILBERMAN, 2004, p. 42) ou um “éden sobre a terra” (BORDINI, 2004, p. 60) também vai sofrer uma violação brutal em decorrência do Tratado de Madri. Pela voz de padre Alonzo, Erico Verissimo tece uma crítica feroz à frieza das políticas coloniais portuguesa e espanhola, que só se preocupavam com seus próprios interesses sem dar a mínima importância para as criaturas humanas que habitavam seus territórios. Vejamos a reflexão sobre o Tratado feita por Alonzo a partir do momento em que soube que o acordo era irreversível:

Era uma insensatez entregar a Portugal, em troca da Colônia do Sacramento, aquelas ricas terras das missões orientais, com aldeamentos prósperos, templos magníficos, estâncias, lavouras, casas...

Por outro lado, como seria possível fazer a mudança de mais de trinta mil índios para o outro lado do Rio Uruguai sem causar-lhes danos irreparáveis? Como transportar sem riscos mais de setecentas mil cabeças de gado?

[...]

Todas as casas, igrejas, edifícios e propriedades! Por meio dum frio pedaço de papel, El-Rei movia trinta mil e tantas almas daquelas reduções como se elas fossem utensílios de pouco ou nenhum valor! (VERISSIMO, 1995b, p. 51).

Se na concepção e nascimento de Pedro Missioneiro há um diálogo direto com *Iracema* (1991), de José de Alencar, na destruição dos Sete Povos, além de se contrapor à historiografia oficial, a obra dialoga com o poema épico *Uruguai* (1998), de Basílio da Gama, para contestar o seu discurso de enaltecimento da destruição das missões jesuíticas, levada a cabo pelo exército de Gomes Freire de Andrade, em nome da política imperial portuguesa de colonizar e controlar terras distantes que pertencem a outros povos (SAID, 1995).

3 A questão das diferenças étnicas

Além da desconstrução do tópico da origem, não buscando a síntese harmoniosa dos contrários como fizeram os escritores do século XIX que procuravam ocultar a violência do processo colonizador e de formação da sociedade brasileira, Erico Verissimo também realizou, em *O continente*, um desmascaramento das relações preconceituosas existentes na sociedade a partir das diferenças entre etnias e classes sociais. Ou seja, fiel a seu projeto literário de “realizar um corte transversal da sociedade”, o escritor revela a engrenagem social e seus mecanismos, de modo a mostrar o homem na sua dinâmica social e o indivíduo em sua humanidade, mostrando assim “o paradoxo que é o homem no mundo” (SARTRE, 1994, p. 64).

Dessa forma, utilizando-se de um processo de representação típico do romance histórico tradicional, conforme acepção de Georg Lukács (1966), ao qual acrescenta a polifonia de vozes, Erico Verissimo faz em *O continente* uma reconstituição do modo de vida e do modo de pensar das pessoas que viveram no período histórico abordado, e assim revela toda a hipocrisia social e o preconceito que eles ocultam.

Começemos por Pedro Missioneiro e Ana Terra, “o casal primordial” (ZILBERMAN, 2004, p. 42) da formação da família Terra-Cambará e do estado do Rio Grande do Sul. Quando Ana encontra Pedro ferido perto da sanga onde lavava roupa, o pai e os irmãos dela o socorrem, mas o tratam como se fossem um animal pelo fato de ter sangue índio. Ao descobrirem o punhal de prata na cintura dele, se perguntam “onde será que o índio roubou isso?” (VERISSIMO, 1995b, p.95). Mesmo necessitando dos serviços de Pedro, é com relutância interior que Maneco Terra aceita que ele permaneça na estância depois de estar recuperado do ferimento. Através do recurso da polifonia, o narrador que possui onisciência total sobre o espaço e as personagens, uma visão por trás conforme o conceito de Jean Pouillon (1974), nos expõe o pensamento de Maneco Terra:

“Ora eu precisava mesmo dum peão”. Mas não se sentiu bem com aquele estranho a trabalhar ali a seu lado. Tinha-lhe um certo temor. Entre suas convicções nascidas da experiência, estava a de que “índio é bicho traiçoeiro”. Não conseguia nem mesmo tentava vencer o seu sentimento de desconfiança por aquele homem de cara rapada e olhar oblíquo. Era preciso mandá-lo embora o quanto antes. Se Pedro conhecesse o seu lugar e não se aproximasse das mulheres da casa nem tomasse muita confiança com os homens, ainda estaria tudo bem... (VERISSIMO, 1995b, p. 85).

Mas a relutância em relação a Pedro não vinha só do pai, da mãe e dos irmãos. Vinha também de Ana Terra, que se dividia numa mistura de sentimentos que iam da atração à repulsa e do amor ao ódio por ele.

Quando o via, sentia uma coisa que não podia explicar: um mal-estar sem nome, mistura de acanhamento, nojo e fascinação. Chegou à conclusão de que odiava aquele homem, que sua presença lhe era tão desagradável como a de uma cobra. (...)

E agora que o índio tinha sua barraca ali no caminho da sanga, nem mais lavar a roupa em paz ela podia. O diabo do homem não lhe saía o pensamento - Tomara que ele vá embora! - dizia Ana para si mesma, muitas e muitas vezes por dia. Era um índio sujo, sem eira nem beira. Como podia ela preocupar-se tanto com uma criatura assim! (VERISSIMO, 1995b, p. 86-87).

Desse modo, Erico Verissimo não idealiza o encontro amoroso do índio com o branco, como fez José de Alencar em *Iracema* (1991) e *O guarani* (1996), e muito menos atenua ou mascara os sentimentos ambíguos e contraditórios das personagens, conforme vimos na citação anterior, ou então nesta passagem em que Ana se questiona sobre qual seria o verdadeiro sentimento que

ela nutria pelo índio: “No fim de contas, que era mesmo que ela sentia por Pedro? Amor? Nojo? Ódio? Pena?” (VERISSIMO, 1995b, p. 103).

A atração que Ana sente por Pedro, que a leva a se entregar sexualmente a ele, não elimina o fato de ele ser um mestiço, de ter sangue indígena, ou seja, ele era um ser inferior aos olhos dela e de sua família, de modo que, descoberta a gravidez dela, não haveria nenhuma possibilidade de futuro para eles. Embora ela estivesse aprendendo a conviver com a diferença, levada em parte pela necessidade gerada pelo filho que crescia-lhe no ventre, mas também pelo sentimento bom que nutria por Pedro, o seu pai e seus irmãos jamais aceitariam um índio fazendo parte da família, pois, ainda que fossem de uma família simples, de colonos pobres descendentes de portugueses, pela formação que possuíam não toleravam a miscigenação com índios e negros, ou seja, eles eram incapazes de conviver com a diferença e integrar o outro, de raça e cor diferentes, conforme alertou Edward Said em *Cultura e imperialismo* (1995).

Dessa forma, conforme observou Lucia Helena (2005), no encontro entre Ana Terra e Pedro Missioneiro também é gerado o desencontro, e assim o desfecho do romance, com o assassinato de Pedro cometido pelos irmãos dela e a mando do pai, vai deixar uma marca indelével no seio da família, pois dali por diante todos teriam uma mancha na consciência, conforme podemos verificar na reflexão de Ana Terra.

Agora estava tudo perdido. Seus irmãos eram assassinos. Nunca mais poderia haver paz naquela casa. Nunca mais eles poderiam olhar direito uns para os outros. O segredo horroroso havia de roer sempre a alma daquela gente. E a lembrança de Pedro ficaria ali no rancho, na estância e nos pensamentos de todos, como uma assombração. (VERISSIMO, 1995b, p. 108).

Em relação à convivência entre brancos e negros em *O continente*, Erico Verissimo sutilmente desconstrói “o mito da democracia racial gaúcha” que pregava “a inexistência de qualquer tensão nas relações entre negros e brancos” (CARDOSO, p. 111) em solo gaúcho, embora haja quem considere que a presença dos negros na trilogia seja inexpressiva, como, por exemplo, o historiador Mario Maestri (apud. CHIAPPINI, 2001), para quem Erico Verissimo colaborou na operação do embranquecimento do passado gaúcho, ao referir-se aos negros e aos escravos em *O continente* “como se fizessem parte de uma paisagem seminatural, ao lado dos bens móveis e imóveis de uma fazenda”.

Essa afirmação de Mário Maestri foi contestada pela professora Ligia Chiappini (2001) no ensaio “*O continente, a estância e os escravos*”, onde ela examina minuciosamente todas as passagens do primeiro romance da trilogia em que há referências aos escravos. Detendo-se no episódio em que Licurgo Cambará alforria 31 escravos, dos quais muitos deles já haviam esquecido o próprio nome de batismo e se reconheciam apenas por apelidos, a professora lembra um outro trecho do romance em que o capataz Fandango conta a lenda do Negrinho do Pastoreio aos dois filhos de Licurgo, concluindo a história com a intransigência de um estancieiro que não permitiu que um padre batizasse o Negrinho, pois, para ele “negro não se batiza”. Diante de tais elementos e de um mapeamento total da presença do negro na trilogia, Ligia Chiappini rebate a afirmação de Mario Maestri, considerando-a injusta:

Ora, isso aliado ao anonimato dos escravos e escravas que desfilam em *O continente* e à cena final do esquecimento dos nomes, nos diz muito sobre a visão crítica daquilo que Mario Maestri, numa leitura no mínimo apressada, vê como “o embranquecimento do passado gaúcho”. De fato, os negros aparecem em Erico “como paisagem seminatural, ao lado dos bens móveis e imóveis de uma fazenda” ou de um sobrado citadino de fazendeiros, mas o problema é que isso não se faz de forma inocente. Erico, ao retratá-los assim, está criticamente expressando um processo

histórico, de transformação de pessoas em coisas, a começar pela perda daquilo que em primeiro lugar se identifica: o nome. (CHIAPPINI, 2001, p. 80).

Concordamos inteiramente com a observação de Ligia Chiappini de que a forma como Erico Verissimo abordou o problema da escravatura na trilogia foi uma estratégia narrativa para evidenciar que as relações entre brancos e negros não era assim tão amistosa como fazia crer a historiografia oficial, e que havia sim tensões nas relações entre eles, o que vale dizer que o escritor procurou desconstruir o mito da democracia racial gaúcha, conforme previa o projeto de escrita de *O tempo e o vento*, de desmitificar a história do Rio Grande do Sul e mostrar como eram por dentro os homens e as mulheres que viveram no passado.

As personagens negras aparecem pela primeira vez em *O continente* no capítulo “Ana Terra”, quando Maneco Terra, numa de suas viagens ao Rio Pardo, adquiriu três escravos para trabalhar na estância junto com ele e seus filhos. Um deles foi morto por um raio e outros dois morreram junto com Maneco e Antônio Terra no ataque dos castelhanos à propriedade.

O primeiro sinal de discriminação e descaso com a vida deles vem justamente de Ana Terra, a criatura mais sensível e humana da família, mas, conforme acertadamente observou Ligia Chiappini (2001., p. 56), sendo filha de fazendeiro, ainda que modesto, ela age como fazendeira, proprietária e branca, que pensa com desprezo quando se trata de escravos. Nesse sentido, ao enterrar os cadáveres do pai, do irmão e dos dois escravos, ela se lembra de que tinha se esquecido de verificar se um deles estava realmente morto. O outro não havia dúvida porque estava com a cabeça decepada. Assim, o pensamento de Ana revelado pelo narrador deixa entrever que a vida do escravo tinha pouco valor para ela, talvez o mesmo valor de um animal ou bem móvel da estância.

Dessa forma, através das falas e dos pensamentos das personagens que foram contemporâneas à escravidão, o narrador nos revela por meio desse recurso polifônico o conceito que elas tinham sobre o negro.

Uma das passagens mais reveladoras nesse sentido se dá no enforcamento do negro Severino, que ocorre simultaneamente à cerimônia de casamento de Bolívar Cambará com Luzia Silva e a poucos metros do sobrado onde ela se realiza. Aguinaldo Silva, avô de Luzia, diz que para ele animal é igual gente e por isso quase matou a chicotada um escravo seu que estava maltratando uma mula, enquanto a neta é taxativa: “Negro não é gente” (VERISSIMO, 1995b, p. 378); Florêncio Terra, primo de Bolívar, pensa que a moça falou um disparate; Bolívar parafraseia mentalmente as palavras da noiva: “Severino não é gente. Vão enforcar um bicho” (1995b, p.379), enquanto que o Dr. Carl Winter apressa-se em dizer que Luzia falou uma inverdade científica, ao que ela responde de imediato: “Não sei se o que eu disse é científico ou não. Mas é o que sinto. Para mim o negro está mais perto do macaco que dos seres humanos” (1995b, p. 379), seguindo-se imediatamente a réplica do médico:

- *Mein liebes Fräulein!* repetiu o Dr. Winter. Como pode a minha graciosa amiga conciliar seu cristianismo com essas ideias? - perguntou Winter, balançando o corpo na ponta dos pés. - Onde está sua caridade? Que um herege como eu pense assim, ainda se admite. Mas que uma jovem cristã diga essas barbaridades, *mein Gott!*, isso eu não compreendo! (VERISSIMO, 1995b, p. 379).

Ao verbalizar a contradição existente em Luzia, Winter chama a atenção para o grande paradoxo da sociedade brasileira da época: ser cristã e ao mesmo tempo ser escravocrata. E mesmo aqueles que aceitavam a humanidade do negro, como o juiz Nepomuceno, “às vezes não

deixava de sentir nas pessoas de cor qualquer coisa de bestial que as aparentava aos animais inferiores” (1995b, p. 380).

Enquanto se discutia no sobrado a condição humana ou não do negro, lá fora, na praça de Santa Fé, uma multidão se reunia para assistir ao enforcamento de Severino como um espetáculo público. Vale lembrar que não havia provas contundentes sobre a culpa de Severino pela morte de dois homens e a sua condenação se baseou mais no fato de ele ser negro do que pelas precárias provas apresentadas.

No entanto, a nosso ver, a cena mais representativa da discriminação do negro dentro da narrativa acontece algumas décadas depois do enforcamento de Severino, já em pleno período abolicionista, quando Licurgo Cambará, líder do Partido Republicano em Santa Fé, alforria 31 escravos de sua propriedade. Erico Verissimo destrói o gesto nobre do estancieiro ao desvendar seus pensamentos ambíguos em relação ao negro e à causa abolicionista, revelando que por trás da louvável atitude dele se escondia uma finalidade estritamente política. Vejamos então o pensamento de Licurgo Cambará durante uma conversa com Fandango:

Licurgo tornou a encher a cuia d’água e passou-a a Fandango. E enquanto o velho ficou entretido a chupar na bomba, ele falou com entusiasmo nos festejos do dia. Tinha a impressão - disse - de que o baile de gala do Paço Municipal, com suas formalidades e seus medalhões, ia ficar apagado diante da festa do Sobrado, onde reinaria a verdadeira democracia: negros e brancos, ricos e pobres, todos misturados e irmanados no ideal abolicionista e republicano. Mas no momento mesmo em que dizia essas coisas, Curgo percebeu que não estava sendo sincero, que não estava dizendo o que sentia. Era lhe inconcebível a ideia de que aqueles negros sujos pudessem vir dançar nas salas de sua casa, em íntimo contato com sua família. Sabia também que pouca, muito pouca gente em Santa Fé compreendia o sentido da palavra república... (VERISSIMO, 1995b, p. 570).

Dessa forma, a atitude nobre de Licurgo, causada pelo seu ardor político-republicano, contrasta com o seu próprio pensamento que lhe destrói a grandeza do gesto. Mas o contraste não se dá apenas entre a atitude e o pensamento de Licurgo, ele também ocorre na configuração do espaço narrativo da cerimônia de alforria: enquanto os brancos, limpos e bem vestidos, festejam o grande evento na sala principal do sobrado, os negros, sujos e mal vestidos, fazem a sua festa do lado de fora, no quintal da casa. Eles só têm acesso ao interior do sobrado no momento de receber os títulos de manumissão e depois são enxotados para fora, pois o benfeitor já começa a se irritar com o cheiro e visão deles dentro de sua casa. Nesse sentido, a cena do evento é de segregação e não de integração do negro à sociedade, conforme podemos observar no trecho abaixo:

A chamada continuava. Negros entravam e saíam. Havia entre eles homens e mulheres, moços e velhos. Licurgo começa a irritar-se. A cerimônia não só se estava prolongando demais, como também não oferecia metade da emoção que ele esperava. (....)

E o desfile continuou. Licurgo mal podia conter sua impaciência. Não conseguia convencer-se a si mesmo de que aquela era uma grande hora - uma hora histórica. Não achava nada agradável ver aqueles negros molambentos e sujos, de olhos remelentos e carapinha encardida a exhibir toda a sua fealdade e sua miséria naquela casa iluminada. E como eram estúpidos em sua maioria! Levavam a vida inteira para atravessar a sala e depois ficavam com o papel na mão, atarantados, sem saber que fazer nem para onde ir. Era preciso que ele gritasse: “Agora vá embora. Não! Por ali. Volte pro quintal”.

O pior era que o sobrado já começava a cheirar senzala. (VERISSIMO, 1995b, p. 630).

O narrador, ao expor os pensamentos de Licurgo, nos revela toda a hipocrisia do ato do líder abolicionista, mostrando aquilo que está subjacente ao seu discurso e ao seu gesto: os negros são molambentos, sujos, feios e miseráveis, e possuem olhos remelentos e carapinha encardida, e assim deixa claro para o leitor que o aparente gesto nobre só se deu por conta de uma necessidade política, tanto é que o que lhe trouxe alguma emoção não foi o seu gesto libertador e sim os aplausos, os abraços e o reconhecimento do gesto por parte dos seus correligionários. Nesse sentido, conforme observou Teófilo Otoni Torronteguy (2000, p.224), “a ação republicana da libertação dos escravos ocorreu baseada na separação dos dois mundos já observados. Um, dos que estavam dentro do sobrado e, o outro, dos que permaneceram no quintal”. E quando a entrega dos títulos termina, a matriarca Bibiana Terra, que considerava “o maior disparate do mundo dar liberdade àquela gente” (VERISSIMO, 1995b, p. 573) e só aceitou o ato por causa do neto, sem meias palavras pede aos criados: “- Agora abram as janelas pra sair o bodum” (VERISSIMO, 1995b, p. 631), verbalizando aquilo que Licurgo e muitos dos presentes sentiam e pensavam.

Outras vozes também aparecem no romance para compor o pensamento que a sociedade do século XIX tinha sobre a condição do negro e da abolição da escravatura. Uma delas é de Florêncio Terra, primo e sogro de Licurgo. Um homem simples, de boa índole, pobre e que sempre trabalhou arduamente para a sobrevivência da família. No entanto, talvez pela simplicidade e pela boa fé, é pela voz dele que Erico Verissimo insere na narrativa o mito da democracia racial gaúcha.

- Não tenho e nem nunca tive escravos. Mas acho que no Rio Grande os negros são felizes. Nas estâncias e nas charqueadas eles trabalham ombro a ombro com os brancos. A não ser um ou outro caso, em geral são bem tratados. Dizem que lá no Norte os senhores de engenho maltratam os escravos. Não sei. Há muita conversa fiada. O que sei é que aqui na Província os negros passam bem. (VERISSIMO, 1995b, p. 595).

Outra personagem simples, de baixa condição social, que externa a sua opinião sobre o negro e a escravidão, é o capataz Fandango que, a exemplo de Bibiana, também condena o ato de Licurgo de libertar os escravos. Para ele, os negros são vadios e cachaceiros e nasceram para serem mandados. Numa conversa com Licurgo, ele afirma:

- Eu só quero ver o que é que essa negrada vai fazer depois que receber papel de alforria. [...]
- Vassuncê vai ver - prosseguiu o capataz. - Recebem dinheiro e gastam tudo em cachaça. Vão passar o dia na vadiagem, dormindo ou se divertindo. Nenhum desses negros alforriados vai querer trabalhar. No fim acabam morrendo de fome. (VERISSIMO, 1995b, p. 568).

Embora numa escala muito menor, há também em *O continente* o preconceito aos imigrantes de origem alemã e italiana que chegam a Santa Fé em meados do século XIX¹.

Os alemães, primeiros imigrantes a chegarem a Santa Fé, causaram um grande alvoroço na vila, pois a grande maioria dos habitantes nunca tinha visto pessoas louras e brancas daquele jeito. Mas nem por isso a população deixou de tratá-los de forma preconceituosa. Embora causassem uma certa fascinação nos santafezenses e fossem consideradas pessoas trabalhadoras por eles, o fato de serem estrangeiros, falarem uma língua estranha, terem costumes diferentes e serem protestantes, tornavam-nas pessoas vistas com desconfiança pela população local. Quando o padre Lara fica sabendo da noite de amor do capitão Rodrigo Cambará com a imigrante Helga Kunz, simplesmente encolhe os ombros e conclui para si mesmo: “ela é protestante”

¹ Nos outros dois romances da trilogia *O tempo e o vento* (*O retrato* e *O arquipélago*) os imigrantes já conseguiram ascender socialmente e economicamente e já aparecem quase totalmente integrados à sociedade

(VERISSIMO, 1995b, p. 281), ou seja, numa sociedade católica e para um sacerdote católico, o protestante estrangeiro é um ser já contaminado pelo pecado e não se pode surpreender de nada que venha dele.

Talvez mais significativos sejam os comentários dos moradores de Santa Fé ao saberem que a mesma Helga Kunz viajaria sozinha em companhia do noivo para São Leopoldo, onde iriam se casar:

“Mas ela aí sozinha com o noivo?” “Vão casar só em São Leopoldo.” “Cruzes, que gente.” “Também, depois do que aconteceu com o Cap. Rodrigo...” Mas Chico Pinto julgou resumir numa frase a explicação de tudo aquilo: “Estrangeiro é bicho sem-vergonha.” (VERISSIMO, 1995b, p. 283).

Mais incisivo em relação aos alemães era Fandango, que não os tolerava de jeito algum e não fazia nenhuma questão de esconder a aversão que sentia pelos estrangeiros de fala incompreensível, que se diferenciam em tudo dos gaúchos.

Não gosto de alemão. Falam uma língua do diabo, olham para a gente com ar de pouco-caso. Tudo neles é diferente: as roupas, as danças, as comidas, as casas, até o cheiro. Quando vejo um homem de pele muito branca, cabelos de barba de milho e olho de bolita de vidro até me dá nojo. Se eu fosse governo, mandava esta alemoada embora. (VERISSIMO, 1995b, p. 512).

Bibiana Terra parece tolerar tanto os alemães quanto os italianos, mas, pelo seu pensamento revelado pelo narrador, fica claro que ela jamais aceitaria o sangue europeu misturado ao sangue dos Terra-Cambará, conforme nos mostra a declaração dela após o padre Romano abordar, durante a missa, a importância dos imigrantes para o desenvolvimento da cidade, encerrando o sermão com o desejo de realizar casamentos entre italianos, brasileiros e alemães: “E nesta igreja espero um dia com a graça de Deus unir em matrimônio uma Dela Mea com um Pinto ou um Spielvogel! Filho meu não casa com gringa - declarou Bibiana mentalmente” (VERISSIMO, 1995b, p. 585).

No entanto, em relação aos alemães, havia um preconceito de mão dupla, conforme revela a análise do Dr. Carl Winter sobre os seus compatriotas. Segundo o médico alemão radicado em Santa Fé, uma personagem estrangeira que Erico Verissimo utiliza como o observador da sociedade de Santa Fé na segunda metade de *O continente*, eles “desprezavam o caboclo e eram por sua vez desprezados pelos estancieiros, dos quais não gostassem, embora parecessem temê-los” (VERISSIMO, 1995b, p. 358).

4 Considerações finais

Ao utilizar o tópico da origem do nacional vinculado à cor local, juntamente com a rasura desse mesmo tópico, através da articulação entre mito e história realizada pela ficção, de modo a não idealizar e nem propor uma síntese harmoniosa dos contrários e assim desconstruir o tópico da origem, Erico Verissimo realiza uma representação de forma o mais realista possível do empreendimento colonial português, não ocultando e nem disfarçando a violência do processo.

E também ao fazer uma reconstituição, representando literariamente o modo de vida e o modo de pensar das pessoas que viveram nos séculos XVIII e XIX no Rio Grande do Sul, mostrando as tensões sociais que envolviam brancos, índios, negros e imigrantes europeus naquele

período, o autor revela toda a hipocrisia social e o preconceito que eles ocultam e assim desmascara as relações preconceituosas existentes na sociedade gaúcha da época.

Esses dois procedimentos realizados por Erico Verissimo de forma dialética em *O continente*, utilizando o mito articulado à história para desmitificá-lo e mostrando as tensões sociais existentes entre os grupos étnicos que formaram a sociedade gaúcha, estão em perfeita consonância com o projeto de escrita de *O tempo e o vento* e com o projeto literário de Erico Verissimo. Em seu livro de memórias *Solo de Clarineta – volume I* (1995d), o autor afirma que a escrita da trilogia foi uma necessidade pessoal de descobrir a verdadeira identidade do seu povo, encoberta pela historiografia oficial que só via homens valentes, de faces severas, rudes e sisudos que figuravam na categoria de heróis. Para isso era preciso desconstruir o estereótipo do homem rio-grandense, revelando os diversos tipos e grupos sociais que habitavam o Rio Grande do Sul e trazendo à luz as várias facetas do povo gaúcho, bem como desmitificar a história do estado. E ao realizar esse projeto com maestria, Erico Verissimo alcança o ponto máximo da sua literatura, é a culminação do seu projeto literário de realizar um corte transversal de uma sociedade.

Referências

- ALENCAR, José. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- ALENCAR, José. *O guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- ALONSO, Amado. *Ensayo sobre la novela histórica*. Madrid: Gredos, 1987.
- BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *O tempo e o vento – história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional, o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *O escritor e o seu tempo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- CHIAPPINI, Ligia. O continente, a estância e os escravos. In: PESAVENTO, Sandra et al (Orgs.). *Erico Verissimo e o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001, p. 52-85.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas cidades, 1979.
- GAMA, Basílio. *O Uruguai*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- HELENA, Lucia. Figuração e questionamento da nação em *O tempo e o vento*. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples: Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005, p. 167-182.
- JAMESON, Fredric. *O romance histórico ainda é possível? Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 77, p. 185-203, março de 2007.
- LUKÁCS, George. *La novela histórica*. México: Era, 1966.
- POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1974.
- RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 3 v., 2010.

- SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sérgio Góes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* 3. ed. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2006.
- TORRONTÉGUY, Téofilo Otoni. A abolição da escravatura a serviço da república: leitura política do episódio Ismália Caré. In: GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). *O tempo e o vento: 50 anos*. Santa Maria/RS: Editora UFSM, 2000.
- VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*. 18. ed. Vol. I, II e III. São Paulo: Globo, 1995a.
- VERISSIMO, Erico. *O continente*. 34. ed. Vol. I e II. São Paulo: Globo, 1995b.
- VERISSIMO, Erico. *O retrato*. 18. ed. Vol. I e II. São Paulo: Globo, 1995c.
- VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. vol. 1. São Paulo: Globo, 1995d.
- ZILBERMAN, Regina. História, mito, literatura. In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *O tempo e o vento – história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 21-48.
- ZILBERMAN, Regina. Saga familiar e história política. In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *O tempo e o vento – história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 141-158.